

Formulação do curso técnico em instrumento musical – Piano: a busca por um currículo centrado no aluno por meio da tecno-estética

Maura de Moura Godoy¹

<https://orcid.org/0009-0003-5378-1998>

Emerson Freire²

<https://orcid.org/0000-00001-5449-2002>

Resumo

O presente trabalho relata o processo de elaboração de um novo curso profissionalizante de nível técnico do Eixo de Produção Cultural e Design – Técnico em Instrumento Musical: Piano – a ser homologado e ofertado pelo Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza. O objetivo é compartilhar as dificuldades vivenciadas e descobertas surgidas ao conciliar, na organização curricular, as demandas do mercado de trabalho com o perfil profissional pretendido — crítico, criativo e inventivo —, bem como a adoção de novas abordagens pedagógicas orientadas pelo desenvolvimento tecno-estético e pelo ensino centrado no aluno. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, baseada em um relato de experiência, que envolve a análise das etapas de construção do Plano de Curso e a reflexão sobre suas implicações pedagógicas e formativas. Como resultado, observou-se a possibilidade de inserir, no Plano de Curso, um equilíbrio entre os elementos técnicos e estéticos, promovendo o desenvolvimento de uma execução e uma interpretação musical mais conscientes e contextualizadas. Além disso, a redação curricular propõe um curso menos centrado no repertório e mais voltado a objetivos pedagógicos adaptáveis, rompendo com a dicotomia entre repertório popular e tradicional - erudito. Essa formulação amplia o potencial formativo do ensino técnico em música, contribuindo para uma educação artística mais integrada e sensível às transformações tecnológicas e culturais contemporâneas. O impacto dessa experiência manifesta-se tanto na valorização institucional do ensino técnico em artes quanto na criação de um modelo curricular inovador, que estimula autonomia, criticidade e inventividade, alinhando a formação musical às necessidades do século XXI.

¹ CEETEPS

² CEETEPS

Palavras-chave: Educação e Trabalho. Formação técnica em piano. Tecno-estética. Ensino centrado no aluno.

Abstract

This paper reports on the process of developing a new vocational course within the Cultural Production and Design axis – Technical Course in Musical Instrument: Piano – to be approved and offered by the Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza. The aim is to share the challenges experienced and the insights gained in reconciling, within the curricular organization, the demands of the labor market with the intended professional profile — critical, creative, and inventive — as well as the adoption of new pedagogical approaches grounded in techno-aesthetic development and student-centered learning. This qualitative study, based on an experience report, involves an analysis of the stages of the Course Plan's construction and reflections on its pedagogical and formative implications. As a result, it was possible to establish a balance between technical and aesthetic elements within the Course Plan, fostering the development of more conscious and contextualized musical performance and interpretation. Furthermore, the curriculum proposes a program less focused on repertoire and more oriented toward adaptable pedagogical goals, breaking with the dichotomy between popular and classical repertoires. This formulation expands the formative potential of technical music education, contributing to a more integrated artistic education that is responsive to contemporary technological and cultural transformations. The impact of this experience is evident both in the institutional appreciation of technical arts education and in the creation of an innovative curricular model that promotes autonomy, critical awareness, and inventiveness, aligning musical training with the educational demands of the twenty-first century.

Keywords: Education and Work. Vocational piano education. Techno-aesthetics. Student-centered teaching.

1 Introdução

O Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (CEETEPS) é uma autarquia do Governo de São Paulo voltada para a educação profissionalizante, com o objetivo de preparar os estudantes para o mercado de trabalho, atendendo às demandas dos setores público e privado. O Grupo de Formulação e Atualização Curricular (GFAC), ligado à Coordenadoria do Ensino Médio e Técnico (CETEC), desempenha um papel crucial na criação e reformulação de cursos, avaliando e atualizando os documentos reguladores para atender às necessidades do mercado.

Um dos autores deste relato possui formação em Bacharelado em Piano Popular, Licenciatura em Música, Pós-graduação em Docência Superior em Música e é mestranda em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional. Com este histórico, atua na Etec de Artes, uma unidade escolar localizada na Zona Norte de São Paulo focada em cursos do Eixo de Produção Cultural e Design como Dança, Teatro, Canto e Regência, promovendo a expressão e a performance. Por isso, recebeu um convite pelo GFAC para integrar, no primeiro semestre de 2024, um grupo para formular o curso Técnico em Instrumento Musical: Piano.

O objetivo deste relato é compartilhar as experiências vivenciadas na confecção de um Plano de Curso a partir de referenciais tecno-estéticos e do ensino centrado no aluno, direcionando as metodologias e abordagens docentes com foco na formação profissional de nível técnico pretendida. A pesquisa tem caráter qualitativo, pois, por meio de um relato de experiência, envolve os antecedentes do pesquisador, sua experiência na análise e sua interação com os participantes do estudo (Sampieri; Collado; Lúcio, 2006).

2 Contextualização

Dentro do CEETEPS os cursos técnicos integram os diversos Eixos Tecnológicos do Catálogo Nacional de Cursos Técnicos. Uma das necessidades dentro do Eixo de Produção Cultural e Design era a formulação de novos cursos na área musical, ampliando a oferta de formação técnica na área. Os cursos ofertados nessa área até então eram "Técnico em Canto" e "Técnico em Regência", além de uma "Especialização Técnica em Composição e Arranjo", resultando em uma baixa oferta, se considerarmos o leque de possibilidades desta área de atuação.

Muitas instituições de ensino em São Paulo oferecem especializações na área musical, principalmente voltadas para instrumentos específicos, como piano, saxofone, violino, entre outros. Contudo, grande parte dessas formações é considerada "livre", pois não são regulamentadas pelo MEC. Embora o CEETEPS seja uma das poucas instituições públicas que oferece formação técnica de nível médio reconhecida pelo MEC, sua competitividade na área musical é limitada pelas poucas opções de cursos disponíveis.

Para garantir uma formação profissional que atenda às demandas do mercado e da sociedade, o GFAC reúne docentes e profissionais para refletir sobre as necessidades atuais, as mudanças no mercado e as estruturas de formação existentes, visando um currículo inovador. Conforme indicam estudos, o currículo deve ser flexível e adaptável às transformações sociais e tecnológicas, proporcionando uma educação que atenda às exigências contemporâneas (Nóvoa *apud* Azevedo *et al.*, 2024).

A elaboração de um documento que defina uma formação profissionalizante técnica para atender ao mercado de trabalho competitivo requer uma análise cuidadosa dos desafios envolvidos. A conciliação entre as necessidades do mercado, o perfil profissional desejado e as práticas pedagógicas consolidadas são os principais obstáculos a serem superados. Além disso, o perfil idealizado muitas vezes exige uma abordagem mais personalizada e flexível. Com uma perspectiva de educação musical consciente, que promova diálogos estéticos entre movimentos artísticos e incentive uma formação instrumental criativa, adotamos a noção de tecno-estética como base para o currículo em elaboração.

2.1 A tecno-estética no ensino de piano

Uma das problemáticas que atinge a Educação Profissional e Tecnológica (EPT) como um todo é o acento em uma formação puramente especializada e que se torna crescentemente afastada das questões sociais, filosóficas e culturais (Freire, 2012, 2014, 2018). Trata-se da configuração de uma educação desculturalizada, conforme denominou o sociólogo Laymert Garcia dos Santos (2004), em que há uma progressiva vocação para a formação de “uma mentalidade de ‘operários especializados’” (p. 1).

A formação artística, quase que por definição, deveria ir além da especialização, conforme destacado pelo sociólogo, que aponta a crescente automação das tarefas complexas pela tecnologia, deixando ao ser humano o trabalho criativo. Nesse contexto, é essencial que a formação conecte a produção artística à observação estética da realidade social, promovendo autonomia, pensamento crítico e incentivando a análise de diferentes estilos e tendências artísticas. Laymert Garcia dos Santos já comentou sobre uma problemática resultante dessa desculturalização da educação no âmbito da cultura:

A produção cultural, por não ter educação, não consegue enfrentar o processo de regressão política e de involução da cidadania, e muito menos do desmanche e desqualificação das forças progressistas, nessa espécie de tragédia histórica em que estamos aprisionados. Em meu entender, é sintomático que o teatro, o cinema, as artes plásticas se encontrem tão despolitizados, que os artistas sejam tão submissos ao mercado, que a preocupação dominante seja o reconhecimento do público e da mídia (2004, p. 4).

Observa-se a necessidade de um delicado equilíbrio entre uma grande instituição que visa formar mão-de-obra para o mercado de trabalho e uma escola de artes, onde a aprendizagem envolve práticas estéticas e culturais, em que as técnicas são desenvolvidas não apenas para funções práticas, mas para criar experiências estéticas significativas. Embora seja importante compreender e dialogar com o mercado de trabalho, é essencial que a formação encoraje os alunos a questionarem o uso convencional das técnicas e tecnologias, e que

busquem novas formas de expressão estética. Trata-se de aliar uma formação técnica consistente, sem deixar a estética separada desta. É nesse sentido que a noção de técnico-estética parece ser promissora para se pensar esse tipo de formação.

A noção de tecno-estética foi criada pelo filósofo e tecnólogo francês Gilbert Simondon (1924 – 1989), compreendendo que técnica e estética não deveriam ser separadas. Segundo ele, “a arte não é apenas um objeto de contemplação, mas de uma certa forma de ação, que é um pouco como a prática de um esporte para aquele que o utiliza” (p. 256). Assim, o uso da ferramenta gera uma 'intuição perceptivo-motora' que vai além da mera funcionalidade, promovendo uma experiência estética e uma profunda conexão entre o homem e o objeto técnico. “Mas a tecno-estética não tem como categoria principal a contemplação. É no uso, na ação, que ela se torna de certa forma orgásmica, meio tátil e motor de estímulo [...] uma comunicação mediatizada pela ferramenta” (p. 256).

No contexto musical, a “ferramenta” pode ser entendida como a relação entre o instrumento musical e o próprio corpo do músico, por meio do desenvolvimento da técnica instrumental. O corpo, ao dominar os movimentos necessários para tocar um instrumento, não apenas executa funções mecânicas, mas também se transforma em um meio de expressão estética em simbiose com o instrumento. A prática musical, nesse sentido, se configura como um processo de mediação, na qual a técnica, por meio da ação motora e sensorial, propicia uma experiência estética que transcende a mera execução técnica.

Assim, a tecno-estética no campo musical destaca uma fusão em que a ação de tocar, com seu movimento corporal e habilidade instrumental, se torna uma forma de expressão estética e sensorial que vai além do resultado sonoro, envolvendo um processo contínuo de aprendizado e internalização. Trata-se do entendimento da estética em seu sentido amplo (do grego, *aisthētikós*), da afecção, do afetar e ser afetado, da percepção e da sensação no envolvimento com a técnica, de modo que não se possa separar uma da outra, dado configurar-se como uma relação.

Segundo estudos anteriores, “é comum encontrarmos nos programas de instituições de formação musical uma propensão ao desenvolvimento técnico – leia-se exercícios para movimento de dedos, no caso de instrumentos musicais, por exemplo” (Godoy, 2020). A dimensão estética, muitas vezes, aparece como apartada dessa técnica, portanto, tornando um desenvolvimento da técnica pela técnica, o que empobrece a interpretação musical. Uma formação musical baseada na tecno-estética projeta que a técnica (instrumental) deve ser desenvolvida em paralelo com aspectos estéticos e culturais, em uma espécie de processo mútuo de construção.

Nesse sentido, a proposta do desenvolvimento tecno-estético surge como uma abordagem fundamental, pois integra a técnica instrumental com os aspectos estéticos e culturais, promovendo uma interação contínua entre a habilidade técnica e a sensibilidade artística no processo formativo. Ao encarar a técnica não

apenas como um meio de execução, mas como uma ponte para a expressão estética, o ensino musical se amplia, permitindo aos músicos não apenas dominar o instrumento, mas também compreender e comunicar as dimensões culturais, sociais e emocionais da música, enriquecendo tanto a prática individual quanto a interpretação e a criação musical.

2.2 O ensino centrado no aluno

O ensino de piano em São Paulo, embora marcado por uma tradição pedagógica consolidada, necessita de renovação e reflexão sobre suas práticas (Glaser, 2006). O ensino centrado no aluno propõe uma co-construção do aprendizado, em que a escolha das obras é feita de forma conjunta entre aluno e professor, respeitando a autonomia do aluno e promovendo um aprendizado mais significativo. Diferente dos programas tradicionais, que consistem em uma lista fixa de obras para o aluno cumprir, a abordagem centrada no conteúdo programático é mais flexível, fornecendo parâmetros gerais e objetivos pedagógicos adaptáveis. Glaser (2006) sugere que a definição da estrutura curricular priorizando o conteúdo a ser aprendido em vez das obras específicas seria mais adequada, promovendo um aprendizado mais significativo:

Os programas de ensino tradicionais, habitualmente, consistem em uma lista quantitativa de obras, a qual o aluno deve cumprir durante um tempo (semestral ou anual) estabelecido pela instituição e cujo aprendizado determina sua aprovação para a próxima etapa do curso. Uma perspectiva voltada para o conteúdo programático é mais flexível, oferece parâmetros do que deve ser trabalhado em sala de aula, mas considera as bases propostas como guia de objetivos pedagógicos a serem alcançados, que variam de acordo com as instituições e os pressupostos pedagógicos por elas adotados (Glaser, 2006, p. 94).

Além disso, a autoavaliação é um aspecto fundamental, pois ao refletir sobre seu comportamento, o aluno adquire maior consciência do processo e se torna mais capaz de se ajustar para alcançar a realização total. O ensino técnico de piano, por longo período, esteve centrado em modelos europeus nos conservatórios, exigindo cursos prolongados de até oito anos. Embora a sociedade atual, com sua aceleração vertiginosa, torne difícil a manutenção de uma formação técnica tão longa, é crucial reconhecer que o estudo desse instrumento envolve o desenvolvimento cognitivo e motor, o que requer um controle gradual e delicado da musculatura e de resultados interpretativos por meio do toque.

Nesse contexto, surge a crise de estruturar uma formação técnica com os objetivos mencionados em apenas três semestres, considerando que o CEETEPS possui uma carga horária de 1500 horas, conforme as diretrizes do Catálogo Nacional de Cursos Técnicos. Assim, para oferecer um curso técnico

profissionalizante de curta duração, calcado na noção de tecno-estética, era essencial que os objetivos formativos fossem claramente definidos e viáveis.

A discussão concentrou-se em como estruturar uma formação profissional consolidada, incorporando novas abordagens e metodologias centradas no aluno, com foco no desenvolvimento tecno-estético, em apenas três semestres. Como descrever a proposta de mudança sem gerar grandes desconfortos? Quais estratégias adotar?

3 A formação do grupo de elaboração e as discussões

No final de 2023, um dos coordenadores do GFAC me convidou a integrar em 2024 o grupo de discussão para a elaboração de um novo Plano de Curso Técnico em Instrumento Musical: Piano. O grupo seria composto por três docentes da área, além do coordenador, responsável pela organização dos encontros, discussões, leituras e redação do documento. Eu era a única com formação específica em Piano (Bacharelado), enquanto os demais docentes, embora não especializados, possuíam formação em música e ampla experiência na docência, cujos conhecimentos eram valiosos, pois seus contatos com o piano ocorreram de maneira informal ou complementar, enriquecendo a visão sobre a formação.

Durante as discussões iniciais, percebi a necessidade de expandir o grupo, convidando três colegas com diferentes especialidades no piano. O primeiro possui vasta experiência no cenário popular, com formação superior e uma carreira artística que inclui turnês nacionais e internacionais, além de lançamento de álbum próprio. O segundo tem formação em Piano Erudito e Mestrado em Ciências Humanas, com experiência em psicomotricidade e psicopedagogia. A terceira colega é também formada em Piano Erudito, é docente titular em outra instituição de nível técnico e tem Mestrado em Música. A intenção ao reunir esse grupo diversificado era compartilhar experiências, discutir práticas bem-sucedidas e outras que não deram resultados esperados, além de analisar as demandas do mercado de trabalho, considerando o perfil dos alunos e as necessidades profissionais futuras.

Ao longo do semestre, as reuniões enfrentaram diversos obstáculos, como adoecimentos de membros, problemas de agenda e dificuldades de conciliar horários, o que transformou o grupo "ideal" no grupo "possível". Semanalmente, eu me reunia com o coordenador para discutir tópicos específicos do Plano de Curso e redigir componentes curriculares. As reuniões com os pianistas ocorreram de forma espaçada e individual, respeitando suas agendas. Infelizmente não foi possível realizar um encontro com todos os envolvidos.

Diversos documentos foram analisados, incluindo planos de curso de instituições com formações semelhantes, além de dissertações, teses e artigos sobre os desafios dessa formação. Os encontros foram valiosos para compartilhar

práticas e resultados em diferentes instituições de ensino musical, além de discutir o perfil do público atendido em cada uma delas.

3.1 Os caminhos tomados

Das ponderações e discussões feitas ao longo dos encontros realizados, o ponto focal estava na redação de um documento que não privilegiasse o desenvolvimento técnico, mas um desenvolvimento centrado no aluno e tecno-estético, que fomentasse o desenvolvimento de profissionais artísticos criativos, interpretativos, inventivos e conscientes. Assim, nos 3 módulos (semestres) estão previstos componentes curriculares que visam construir uma execução e interpretação musical consciente através do equilíbrio entre os elementos técnicos e estéticos.

Nas aulas práticas, desenvolvidas no laboratório de pianos, organizamos componentes curriculares que trabalham a execução individual (pianista solo), possibilitando o desenvolvimento de habilidades técnicas e interpretativas através do repertório que será escolhido conjuntamente (professor-aluno) e que esteja em consonância com as competências previstas. Também estão previstos espaços de debates sobre as observações discentes acerca dos resultados individuais e coletivos dos processos de estudo. Dessa forma, espera-se fomentar o processo de autoavaliação, conforme mostram as publicações sobre o ensino centrado no aluno:

A aprendizagem significativa verifica-se quando o estudante percebe que a matéria a estudar se relaciona com os seus próprios objetivos. De maneira um tanto mais formal, dir-se-á que uma pessoa só aprende significativamente aquelas coisas que percebe implicarem na manutenção ou elevação de si mesmas (ROGERS, apud GLASER, 2006, p. 98).

Além disso, o curso prevê práticas coletivas ao instrumento, como piano a 4 mãos, repertório para 2 pianos e até a possibilidade de execução com outros instrumentos ou cantores através da prática de pianista acompanhador ou correpetidor, viabilizando, inclusive, diálogos entre alunos dos demais cursos da área musical que a Unidade Escolar oferece (canto e regência).

Por meio de práticas e estudos anteriores (Godoy, 2020) observamos que construções coletivas ao piano estimulam o processo colaborativo entre os agentes e são vistas com olhos positivos dentro dos processos de criação e inventividade:

A proposta de entrosamento entre eles possibilitou o equilíbrio entre as diferentes potencialidades, além de tornar o tempo de estudo mais dinâmico, interessante e menos cansativo, conforme esperado. As dificuldades individuais passaram a ser superadas através de parcerias criadas entre eles. Ou seja, cada aluno passou a auxiliar o

processo de recuperação continuada do outro, tornando-se multiplicador de conhecimento (p. 187).

Durante os 3 módulos inserimos um componente curricular que discute, contextualiza e constrói críticas sobre a produção musical, problematizando conceitos de “relevância cultural”, “representatividade social” e “inovação musical”, por exemplo. Esse componente possibilita, também, a análise das contribuições estéticas e técnicas de artistas e representantes musicais contemporâneos relacionados à composição e interpretação musical para o piano.

Outro desafio significativo foi a escolha entre um curso de piano erudito (tradicional) ou popular, uma distinção comum em muitas instituições de formação musical, focada no desenvolvimento das práticas de leitura e linguagens, conforme o repertório e seus estilos. Optamos por uma abordagem neutra, que permitisse o desenvolvimento de ambas as linguagens estéticas e seus códigos de escrita, atendendo assim a uma demanda mais ampla. Além disso, como as aulas práticas preveem a divisão das turmas, a estrutura do curso foi planejada para possibilitar essa organização com base na preferência do aluno, permitindo que, se desejado, a turma fosse dividida entre repertório popular e tradicional.

Outra escolha importante foi de não privilegiar o estudo estético euro centrado, mas o de compreender seu desenvolvimento e influências na produção atual. O texto também reforça o estímulo de pesquisa de repertórios de locais diversos do mundo, para além dos representantes europeus. Ademais, estimula a pesquisa de marcos históricos e representantes da música brasileira pianística, além de correlacionar essa pesquisa com propostas pianísticas que dialogam com elementos contemporâneos da cultura brasileira.

Assim, podemos afirmar que esta proposta de formação profissional tecnológica em “Instrumento Musical - Piano” pode nutrir o desenvolvimento de profissionais mais autoconscientes acerca dos seus processos de desenvolvimento instrumental e de seus processos crítico criativos, permitindo a manutenção de profissionais conscientes, inventivos e artísticos em sua atuação no mundo do trabalho.

4 Considerações finais

A elaboração do currículo para a formação técnica em piano exigiu uma análise detalhada das demandas do mercado e das práticas pedagógicas atuais. O principal desafio foi equilibrar essas exigências com a busca por um perfil profissional inovador e criativo. A proposta curricular, fundamentada no pensamento tecno-estético, visa superar essas limitações, promovendo uma formação musical que dialogue com a tradição e a contemporaneidade.

Este relato descreve a criação do curso técnico em piano, abordando os desafios de alinhar as exigências do mercado com a formação de um profissional

crítico e criativo, além de explorar metodologia centrada no aluno. A análise desta experiência contribui para o debate sobre a construção de currículos que ofereçam uma formação musical de qualidade e relevante para o século XXI.

Embora o Plano de Curso do "Técnico em Instrumento Musical – Piano" apresente grande potencial, ele ainda está em fase de avaliação pelo GFAC, o que implica na possibilidade de ajustes para atender a todos os requisitos institucionais. O lançamento do curso dependerá da homologação final do plano.

Embora o documento represente um avanço na definição de uma formação profissionalizante, é importante destacar que o processo curricular é dinâmico e passível de ajustes para garantir sua adequação às necessidades institucionais e dos futuros alunos. A implementação do curso será um marco importante para a formação de profissionais mais qualificados e inovadores.

Referências

ABUD, J. **Dívida externa, estabilização econômica, abertura comercial, ingresso de capitais externos e baixo crescimento econômico**. 1996. 205 f. Tese (Doutorado em Economia de Empresas) – Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, São Paulo, 1996.

BOAS, E. P.; SANTOS, S. A. dos. Empreendedorismo corporativo: estudo de casos múltiplos sobre as práticas promotoras em empresas atuantes no Brasil. **Revista de Administração**, São Paulo, v. 49, n. 2, p. 399-414, abr./jun. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rausp/v49n2/14.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2025.

BORGES, L. de O.; YAMAMOTO, O. H. Mundo do trabalho: construção histórica e desafios contemporâneos. In: BASTOS, A. V. B.; BORGES-ANDRADE, J. E.; ZANELLI, J. C. (org.). **Psicologia, organizações e trabalho no Brasil**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. p. 25-72.

CHIAVENATO, I. **Administração: teoria, processo e prática**. São Paulo: McGraw-Hill, 1985. 381 p.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. Escola de Administração de Empresas de São Paulo. **Manual de orientação para crescimento da receita própria municipal**. São Paulo, 2000. Disponível em: <http://www.fgvsp.br/academico/estudos/gvconsult/Manual.doc>. Acesso em: 12 fev. 2025.

LIMA, L. A. de O. **A desregulamentação nos mercados de trabalho e o emprego nas economias capitalistas avançadas**. São Paulo: FGV-EAESP, 2001. (Relatórios de Pesquisa, n. 15/2001).

OLIVEIRA, R. M. Descolonizar os livros didáticos: raça, gênero e colonialidade nos livros de educação do campo. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 68, p. 11-33, jan./mar., 2017.

RIBEIRO, R. L. M. **Crescimento e distribuição de renda**. 1994. 78 f. Dissertação (Mestrado em Economia e Finanças Públicas) – Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, São Paulo, 1994.

Submetido em: 11/10/25

Aprovado em: 20/10/25